

A palavra mínima em português brasileiro: contribuições para uma discussão em aberto

*The minimal word in Brazilian Portuguese: contributions to an
open discussion*

Táise Simioni
Universidade Federal de Alfenas, Brasil
taisesimioni@gmail.com

Recebido: 15/06/2025
Aceito: 12/12/2025
Publicado: 16/01/2026

RESUMO: Hayes (1995) se refere a uma “síndrome da palavra mínima”, segundo a qual, em determinadas línguas, as palavras não podem ser menores do que um tamanho definido a partir da configuração prosódica de tais línguas. Na literatura, normalmente, a palavra mínima é associada à exigência de que uma palavra tenha ao menos duas moras, e esta exigência pode ser minimamente satisfeita por uma palavra dissilábica apenas, em línguas insensíveis ao peso, ou também por uma palavra monossilábica com uma vogal longa (em línguas em que tal vogal tem caráter distintivo) ou com coda, em línguas que mostram sensibilidade ao peso silábico. Para McCarthy e Prince (1995), a palavra mínima é o resultado da hierarquia prosódica e da condição do pé binário. Em português, ao contrário do que ocorre em outras línguas, como o inglês, não há clareza quanto à atuação da exigência da palavra mínima. Na literatura, é possível encontrar argumentos favoráveis e contrários à sua relevância para a configuração prosódica do português. É neste cenário que o presente trabalho busca contribuir para esta discussão a partir da análise de argumentos favoráveis e contrários a uma bimoraicidade mínima imposta às palavras em português brasileiro. Bisol (2000) e Vigário (2003), para o português brasileiro e o europeu, respectivamente, defendem que a palavra mínima bimoraica não tem papel, uma vez que há palavras monossilábicas sem coda. Booij (2004), por sua vez, ressalta que estas palavras são pouco numerosas, de maneira que este argumento não tem validade para o autor. Ainda quanto aos argumentos de Bisol (2000) e Vigário (2003), segundo as autoras, não há processos fonológicos que sejam aplicados para que uma palavra bimoraica emergja e, também, não há processos fonológicos que deixem de ser aplicados para que uma palavra não bimoraica emergja. A literatura referente ao português brasileiro, entretanto, mostra que a hipocorização pode ser compreendida como um fenômeno a partir do qual se superficializam palavras bimoraicas (Gonçalves, 2004a, entre outros), e a análise de fenômenos variáveis revela que alguns deles têm a sua aplicação refreada caso ela resulte em uma palavra monomoraica. Cabe mencionar que, mesmo entre os autores que defendem a imposição de um tamanho mínimo para as palavras em português, não há consenso quanto a como este tamanho se configura, com propostas que levam em consideração estruturas como a sílaba, o pé ou até mesmo a quantidade de segmentos. Desta forma, destaca-se a necessidade de trabalhos que sejam metodologicamente orientados para uma busca por evidências contrárias ou favoráveis à atuação da palavra mínima em português.

PALAVRAS-CHAVE: Palavra mínima; Bimoraicidade; Português brasileiro.

ABSTRACT: Hayes (1995) mentions a “minimal word syndrome,” according to which, in certain languages, words cannot be smaller than a size defined by the prosodic configuration of such

languages. In the literature, the minimal word is usually associated with the requirement that a word have at least two moras, and this requirement can be minimally satisfied by a disyllabic word only, in languages that are insensitive to weight, or also by a monosyllabic word with a long vowel (in languages in which such a vowel has a distinctive character) or with a coda, in languages that show sensitivity to syllabic weight. For McCarthy and Prince (1995), the minimal word is the result of the prosodic hierarchy and the foot binarity condition. In Portuguese, unlike what occurs in other languages, such as English, there is discussion about the action of the minimal word requirement. In the literature, it is possible to find arguments for and against its relevance to the prosodic configuration of Portuguese. It is in this scenario that the present work seeks to contribute to this discussion based on the analysis of arguments for and against a minimum bimoraicity imposed on words in Brazilian Portuguese. Bisol (2000) and Vigário (2003), for Brazilian and European Portuguese, respectively, argue that the bimoraic minimal word has no role, since there are monosyllabic words without a coda. Booij (2004), in turn, emphasizes that these words are rare, so that this argument is not valid for the author. Still regarding the arguments of Bisol (2000) and Vigário (2003), according to the authors, there are no phonological processes that are applied for a bimoraic word to emerge and, also, there are no phonological processes that are not applied for a non-bimoraic word to emerge. The literature on Brazilian Portuguese, however, shows that hypocorization can be understood as a phenomenon from which bimoraic words become superficial (Gonçalves, 2004a, among others), and the analysis of variable phenomena reveals that some of them have their application restrained if it results in a monomoraic word. It is worth mentioning that, even among authors who defend the imposition of a minimum length for words in Portuguese, there is no consensus as to how this length is configured, with proposals that take into account structures such as the syllable, the foot or even the number of segments. Thus, there is a need for studies that are methodologically oriented towards a search for evidence against or in favor of the application of the minimal word in Portuguese.

KEYWORDS: Minimal word; Bimoraicity; Brazilian Portuguese.

1. Introdução

Quanto aos aspectos fonológicos de uma língua, as palavras que a constituem precisam estar em conformidade com seu inventário fonológico, com suas combinações silábicas permitidas e com seus padrões acentuais. Além de tais aspectos, algumas línguas impõem a suas palavras um tamanho mínimo exigido. Trata-se da palavra mínima, normalmente pensada como uma exigência de que as palavras tenham pelo menos duas moras. Tal exigência, em algumas línguas, tem um caráter mais estável, o que permite ao analista propor a sua formalização sem que isso implique maiores questionamentos.

Este não é o caso do português brasileiro, língua na qual a exigência da palavra mínima não é aceita de forma consensual, o que gera controvérsias quanto ao assunto. Diante deste cenário, o objetivo deste trabalho é contribuir para esta discussão a partir da análise de argumentos favoráveis e contrários a uma bimoraicidade mínima imposta às palavras em português brasileiro.

Por um lado, (a) há palavras monossilábicas sem coda em português (como “pé”, “lá” e “é”), o que poderia ser assumido como um bom argumento contra a bimoraicidade mínima em português brasileiro, ainda que essas palavras sejam pouco numerosas. Observa-se que, para que esse seja considerado um argumento contrário à bimoraicidade mínima em português brasileiro, é preciso desconsiderar a possibilidade de a qualidade da vogal contribuir para o peso silábico, conforme discussão feita na sequência. Por outro lado, (b) a atuação da palavra mínima não envolve apenas a formação de palavras, podendo ser evidenciada também no comportamento de determinados processos fonológicos, de maneira que a palavra mínima pode atuar como um catalisador para a aplicação de processos fonológicos com potencial para criar uma palavra bimoraica e como um obstáculo para a aplicação de processos fonológicos com potencial para gerar uma palavra monomoraica. Conforme será mostrado neste trabalho, há evidências que sugerem, para o português brasileiro, o cenário apresentado em (b), ainda que faltem trabalhos desenhados especificamente para a busca por evidências contrárias e/ou favoráveis à palavra mínima bimoraica.

2. A palavra mínima

Segundo Hayes (1995), muitas línguas manifestam a “síndrome da palavra mínima”, ou seja, há uma diversidade de línguas nas quais as palavras não podem ser menores do que um determinado tamanho. O autor apresenta uma lista de tais línguas: (a) em hopi e nas línguas yupik, por exemplo, em que os pés são iâmbicos (pé com proeminência à direita, constituído por duas sílabas – a primeira leve e a segunda leve ou pesada – ou por uma sílaba pesada), não há palavras lexicais formadas por apenas uma sílaba leve; (b) em inglês e árabe do Cairo, por exemplo, em que os pés são troqueus moraicos (pé com proeminência à esquerda, constituído por duas sílabas leves ou por uma sílaba pesada), não há palavras lexicais formadas por apenas uma sílaba leve; (c) em pitta-pitta e wangkumara, por exemplo, em que os pés são troqueus silábicos (pé com proeminência à esquerda, constituído por duas sílabas, independentemente de sua estrutura interna), não há palavras lexicais monossilábicas. Por outro lado, como mostra Hayes (1995), há línguas em que esta “síndrome” não se manifesta: (a) em araucano e osseta, por exemplo, em que os pés são iâmbicos, há palavras lexicais formadas por apenas uma sílaba leve;

(b) em romeno e espanhol, por exemplo, em que os pés são troqueus moraicos, há palavras lexicais formadas por apenas uma sílaba leve; (c) em húngaro e islandês, por exemplo, em que os pés são troqueus silábicos, há palavras lexicais formadas por apenas uma sílaba.

Para McCarthy e Prince (1995), a noção de palavra mínima não tem um estatuto teórico independente, no sentido de que ela se deriva de dois construtos teóricos: a hierarquia prosódica e a condição do pé binário¹. Segundo a hierarquia prosódica, elementos menores constituem elementos maiores (cf. Nespor e Vogel, 1986): a mora (unidade de peso da sílaba; cf. Hayes, 1995; Hyman, 2003; Davis, 2011, entre outros) se subordina à sílaba, que se subordina ao pé, e este, por sua vez, está subordinado à palavra prosódica (constituente maior contemplado na exposição de McCarthy e Prince, 1995). Já de acordo com a condição do pé binário, pés devem ser binários, em termos silábicos ou em termos moraicos, a depender da (in)sensibilidade ao peso que uma determinada língua tiver (cf. Hayes, 1995).

Segundo explicam McCarthy e Prince (1995), se, de acordo com a hierarquia prosódica, uma palavra prosódica deve ser constituída por pelo menos um pé, e, de acordo com a binariedade do pé, este deve ser constituído por duas sílabas ou por duas moras, a consequência é a de que uma palavra prosódica conterá, pelo menos, duas sílabas ou duas moras. Em línguas sensíveis ao peso, a palavra mínima terá duas moras, como em hopi, yupik, inglês e árabe do Cairo (Hayes, 1995); em línguas insensíveis ao peso, a palavra mínima será constituída por duas sílabas, uma vez que, neste tipo de língua, todas as sílabas são interpretadas pelo sistema como monomoraicas, como em pitta-pitta e wangkumara (Hayes, 1995).

Como ressaltam McCarthy e Prince (1995), esta forma de compreender a minimalidade de uma palavra explica por que palavras funcionais frequentemente não seguem as regularidades de uma palavra mínima. Isto ocorre por que palavras não lexicais com frequência não constituem sozinhas uma palavra prosódica (cf. Selkirk,

¹ Cf. Downing (2005) e Piggott (2010) para análises alternativas. Segundo Downing (2005), a minimalidade pode ser consequência da atuação de uma restrição (na perspectiva otimalista, cf. Prince e Smolensky, 1993, McCarthy e Prince, 1993), segundo a qual cabeças lexicais (raízes, radicais) devem se ramificar prosodicamente, de forma que a minimalidade não depende da hierarquia prosódica. Já Piggott (2010), fundamentado na morfologia distribuída (Halle e Marantz, 1993), defende que uma condição de minimalidade é necessária, uma vez que há línguas que parecem aceitar pés degenerados, mas, ao mesmo tempo, impõem um tamanho mínimo para suas palavras, evidenciando, segundo o autor, uma independência entre a binariedade do pé e as demandas por palavras mínimas.

1996). Como exemplifica Hayes (1995), embora o inglês seja uma língua em que a palavra mínima bimoraica tem atuação, são encontradas nesta língua palavras funcionais constituídas por uma sílaba leve, como *the* (artigo definido) e *a* (artigo indefinido).

Cabré (1994) ressalta que a minimalidade da palavra pode se manifestar tanto no nível da formação dos itens lexicais quanto em outros processos linguísticos. Segundo a autora, com relação ao primeiro caso, o catalão, língua sob análise em seu texto, exige que a minimalidade bimoraica da palavra seja atendida, uma vez que são poucos os casos de palavras monomoraicas, como *fe* ('fé') e *cru* ('cru')². Em relação ao segundo caso, o objetivo de seu trabalho é defender a hipótese de que o truncamento que forma hipocorísticos³ em catalão é um processo de minimização, cujo padrão básico é um troqueu moraic.

Segundo Cabré (1994), os hipocorísticos em catalão podem ser agrupados em quatro conjuntos: aqueles com a estrutura CV.CV, com acento à esquerda, como nos exemplos em (1); aqueles com a estrutura CVC, como nos exemplos em (2); aqueles com a estrutura CVC.CV, com acento à esquerda, como nos exemplos em (3); e aqueles com a estrutura CV.CVC, com acento à direita, como nos exemplos em (4).

- (1) Agustina > Tina
Camila > Mila
Celestino > Tino
Gregori > Gori

- (2) Elisabet > Bet
Isabel > Bel
Jaumet > Met
Joaquim > Quim

² Tais exemplos mostram que Cabré (1994) não inclui em sua análise a possibilidade de a qualidade vocálica contribuir para o peso silábico.

³ Como explica Gonçalves (2004b, p. 12), o hipocorístico é um apelido que mantém identidade sonora com o prenome, de forma a haver "fidelidade suficiente para que o antropônimo seja rastreado". Além disso, cabe destacar que, para Gonçalves (2004b, 2006), truncamento e hipocorização são processos diferentes, o que pode ser afirmado, segundo o autor, a partir das diferenças que os caracterizam.

- (3) Clotilde > Tilde
Vicenta > Centa
Domingo > Mingo
Leopoldo > Poldo

- (4) Montserrat > Serrat
Narciset > Ciset
Bartomeu > Tomeu

Conforme a análise de Cabré (1994), os hipocorísticos são formados pela projeção de moldes prosódicos e devem obedecer a uma condição de minimalidade, segundo a qual tais moldes contêm um, e apenas um, troqueu moraico. A satisfação a esta condição é claramente observável nos hipocorísticos em (1) e (2): todos resultam em um troqueu moraico, formado por duas sílabas leves (1) ou por uma sílaba pesada (2). Segundo Cabré (1994), estes hipocorísticos constituem palavras mínimas em catalão. Quanto aos hipocorísticos em (3), Cabré (1994) apresenta a possibilidade de eles serem interpretados como contendo um troqueu moraico, formado pela primeira sílaba pesada, que satisfaz a condição de minimalidade, e por uma sílaba - a última sílaba leve - que não faz parte de um pé e se adjunge diretamente à palavra prosódica. Nos hipocorísticos em (4), segundo a análise da autora, há um troqueu moraico, formado pela última sílaba pesada, e uma sílaba leve - a penúltima - que se adjunge diretamente à palavra prosódica. Conforme Cabré (1994), isso é possível se for considerado que, na palavra base, aquela a partir da qual o hipocorístico se forma, esta sílaba leve está fora de um pé, já que há, à esquerda do pé mantido no hipocorístico, uma sílaba pesada que forma outro pé troqueu moraico, como em (Nar)ci(set). Já nos hipocorísticos em (2), o que impediria a formação de *Sabet* para *Elisabet*, por exemplo, seria a escansão E(lisa)(bet), que não deixa uma sílaba "livre", ou seja, fora de pés, à esquerda do troqueu moraico final para formar o hipocorístico. Cabré (1994) conclui que os hipocorísticos formados por truncamento em catalão são o resultado do fenômeno da palavra mínima, segundo o qual, nesta língua, os hipocorísticos são constituídos por, no mínimo, um troqueu moraico e, no máximo, duas sílabas.

3. A palavra mínima em português?

Não há consenso na literatura quanto à exigência de um tamanho mínimo bimoraico para as palavras lexicais em português. Esta seção se dedica à discussão de trabalhos que se posicionam quanto a esta questão de forma explícita.

Autores como Bisol (2000) e Vigário (2003) afirmam que a exigência de um tamanho mínimo bimoraico para as palavras lexicais não tem atuação em português brasileiro e em português europeu⁴, respectivamente. Para o português brasileiro, Bisol apresenta os seguintes argumentos:

- a. existem em português monossílabos tônicos constituídos por apenas uma mora (como "pé", "pó", "chá" e "cru");
- b. os monossílabos tônicos monomoraicos são constituídos por vogais de diferentes graus de sonoridade, de maneira que a sonoridade não poderia ser interpretada como um licenciador para a ocorrência de tais palavras;
- c. os monossílabos tônicos monomoraicos não têm sua vogal alongada para satisfazer a uma exigência de duas moras;
- d. não há processos fonológicos que deixem de ser aplicados para que não surjam palavras monomoraicas.

Quanto ao português europeu, Vigário (2003) reforça os argumentos em (a), (b), (c) e (d) apresentados por Bisol (2000). Quanto ao argumento em (c), Vigário não faz menção especificamente à possibilidade de alongamento, mas afirma, de forma mais genérica, que não há processos fonológicos que sejam aplicados para que se evite o surgimento de monossílabos tônicos monomoraicos em português europeu⁵. Sobre o

⁴ Segundo Vigário e Martínez-Paricio (2024), o português europeu faz parte do pequeno conjunto de línguas em que as palavras não precisam ser obrigatoriamente bimoraicas. As autoras sugerem que, em línguas em que o acento não é (apenas) metricamente governado, o que seria, em sua perspectiva, o caso do português europeu, a restrição FOOTBIN, segundo a qual pés devem ser binários, pode ser violada.

⁵ Vigário (2003) menciona que processos desta natureza podem ser encontrados em outras línguas, como o baule (Leben e Ahoua, 1997). Nesta língua, monossílabos não formam uma palavra prosódica independente, como mostra o seu comportamento no processo de aférese, por exemplo. A aférese da vogal inicial a- acontece se a palavra prosódica contiver mais de quatro sílabas. A junção de uma palavra prosódica com um monossílabo dá contexto para a aférese, demonstrando que o monossílabo se comporta como uma sílaba dentro da palavra prosódica, não como uma palavra prosódica independente.

argumento em (d), Vigário (2003) o exemplifica com a ressilabificação, a partir da qual uma palavra como “ver” pode se realizar como [ˈve] diante de uma palavra iniciada por vogal, como em “ve[ra]migos”.

Incluir entre os monossílabos tônicos com uma mora apenas aqueles terminados em vogal, como em (a), implica considerar que os monossílabos tônicos terminados em consoante são bimoraicos. Isso significa aceitar que o português é uma língua sensível ao peso, posição adotada por Bisol (1992, 1994, 2002) e Wetzels (2007), para o português brasileiro, e por Brandão de Carvalho (1989), para o português europeu. Em conformidade com (a) e (b), respectivamente, a análise proposta no presente trabalho segue dois pressupostos: (i) sílabas terminadas em consoantes têm duas moras e são, portanto, pesadas, e (ii) sílabas terminadas em vogal, ainda que recebam acento primário, têm uma mora e são, portanto, leves.

Como mostra Brandão de Carvalho (2022), há quatro argumentos favoráveis à sensibilidade ao peso em português. O primeiro faz referência a dados estatísticos que mostram uma predominância de oxítonas terminadas por consoante e de paroxítonas terminadas por vogal no léxico do português, o que permite classificar tais padrões acentuais como não marcados. O segundo diz respeito à unidirecionalidade de fenômenos como a síncope que podem fazer com que uma palavra com acento marcado se realize com acento não marcado. Por exemplo, a palavra “xícara”, uma proparoxítona, pode se realizar como “xicra”, uma paroxítona terminada em vogal, ou a palavra “revólver”, uma paroxítona terminada em consoante, pode se realizar como “revolve”, uma paroxítona terminada em vogal. Segundo o autor, o processo inverso, uma palavra com acento não marcado que passa a se realizar com acento marcado, não é atestado⁶. O terceiro argumento aponta para a inexistência de palavras proparoxítonas com a penúltima sílaba terminada em consoante. O quarto e último argumento não se aplica ao português brasileiro. Como mostra Brandão de Carvalho (2022), em português europeu, as vogais átonas de sílabas leves são sistematicamente reduzidas (como em “v[u]tar” para “votar”), ao passo que tal redução não ocorre em sílabas pesadas (como em “açú[c]a[r]”). Segundo Brandão de Carvalho (2022), defender que o português é sensível ao peso

Para Leben e Ahoua (1997), o comportamento diferenciado dos monossílabos é resultado da exigência de que, nesta língua, a palavra mínima contenha duas sílabas.

⁶ Em português brasileiro, embora escassos, há casos deste tipo, que podem ser interpretados como motivados por hipercorreção, como ocorre em “rubrica” > “rúbrica”.

implica interpretar que a última sílaba das palavras oxítonas terminadas em vogal é pesada, de maneira que o peso silábico também poderia se manifestar pela qualidade vocálica. Embora Brandão de Carvalho (2022, p. 6) afirme que tal interpretação obrigue seu defensor a explicar “como pode a vogal final dessas sílabas ser pesada sem ser longa?”, o autor não se dedica, neste trabalho, a fornecer tal explicação.

Um outro argumento que pode ser acrescentado aos anteriormente mencionados é de natureza tipológica. A partir da análise de um conjunto de línguas, Gordon (2002) mostra que há uma tendência para que (i) línguas em que predominam codas com alta energia (codas com consoantes [+soantes] ou [+vozeadas]) tratem as sílabas a que pertencem tais codas como pesadas e (ii) línguas em que predominam codas com baixa energia (codas com consoantes [-soantes] ou [-vozeadas]) tratem as sílabas a que pertencem tais codas como leves. Como destaca Bonilha (2004, p. 45), o português estaria na primeira categoria, uma vez que “apresenta três codas com alta proeminência sonora - líquidas lateral e não lateral, e nasal - e apenas uma coda com baixa proeminência sonora - a fricativa coronal”.

É necessário destacar, contudo, que não há consenso na literatura quanto a este assunto (cf. Lee, 1994, e Pereira, 1999, Mateus e D’Andrade, 2000, por exemplo, para quem o peso não determina a posição do acento em português brasileiro e português europeu, respectivamente). Por limites de espaço, os contra-argumentos para a sensibilidade ao peso em português não serão aqui discutidos.

Voltando aos argumentos para postular a não exigência da palavra mínima bimoraica em português, conforme Bisol (2000) e Vigário (2003), quanto a (b), cabe também mencionar que Veloso (2017a) faz uma análise alternativa relativa ao português europeu, segundo a qual os monossílabos terminados pelas vogais [a], [ɛ] e [ɔ] podem ser considerados pesados pela sonoridade inerente a tais segmentos, enquanto os monossílabos terminados pelas vogais [i] e [u] também podem ser considerados pesados pela iteração de elementos ([i] = {l, l}, [u] = {l, U}), em conformidade com a perspectiva teórica da fonologia de elementos (Scheer, 1998, entre outros). A análise de Veloso (2017a), contudo, não dá conta dos monossílabos terminados em [e], como “vê”, e em [o], como “vô”. Quanto aos primeiros, são mencionados apenas em nota de rodapé, com a afirmação de que são pouco numerosos e não serão discutidos em sua análise. Sobre o segundo caso, não há menção no texto.

Sobre (a), Vigário (2003) faz uma ressalva: as palavras monossilábicas são pouco numerosas em português e, dentro deste padrão, a maior parte termina por consoante (o que contribui para o peso silábico), não por vogal.

É o teor desta ressalva que leva Booij (2004), em sua resenha de Vigário (2003), a adotar a posição segundo a qual o português europeu manifesta a atuação da exigência de minimalidade bimoraica nas palavras prosódicas. Tal exigência, segundo o autor, só é violada por um conjunto definido e restrito de palavras lexicais. No mesmo sentido de Vigário (2003), Booij (2004) também não considera a possibilidade de a qualidade vocálica contribuir para o peso silábico.

Vigário, Martins e Frota (2004), por sua vez, usam a frequência de ocorrência das palavras monossilábicas no português europeu para defender a perspectiva de Vigário (2003). Em um *corpus* constituído por dados de língua falada do português europeu, coletados na década de 1990, os autores identificaram que, considerando os *tokens*, cerca de 31% das palavras prosódicas são monossilábicas. Em relação ao *corpus* total, cerca de 20% das palavras prosódicas são de monossílabos terminados por vogal. Segundo Vigário, Martins e Frota (2004, p. 903), “o efectivo uso de formas monomoraicas/monossilábicas aponta, assim, para que a palavra prosódica no Português (Europeu) não seja de facto sensível a restrições de tamanho mínimo”. Mais uma vez, fica evidente que são consideradas bimoraicas apenas as sílabas com consoante em coda.

No que se refere ao argumento expresso em (a), mostrou-se que ele pode ser usado como favorável à não atuação da exigência de minimalidade bimoraica no português (Bisol, 2000; Vigário, 2003; Vigário, Martins e Frota, 2004) ou pode ser questionado, se forem considerados os *types* em quantidade reduzida (Booij, 2004).

Entre os defensores da atuação da exigência de minimalidade em português europeu, está Veloso (2017b). Sua linha de defesa está, em alguma medida, relacionada ao argumento em (a). O autor fez um experimento em que falantes monolíngues de português europeu leram pseudoabreviações que poderiam ser lidas como siglas (como a abreviação existente FMI) ou como acrônimos (como a abreviação existente ONU). As hipóteses de que as pseudoabreviações que pudessem constituir um monossílabo com uma sílaba pesada (FAS, por exemplo) seriam pronunciadas como um acrônimo e de que as pseudoabreviações com um possível monossílabo correspondente a uma sílaba leve

(CRA, por exemplo)⁷ seriam pronunciadas como uma sigla não foram confirmadas. A confirmação de tais hipóteses seria um argumento favorável à exigência de que as palavras lexicais em português europeu precisam ser constituídas por duas moras⁸. O autor, entretanto, constatou que pseudoabreviações formadas por uma sequência com três ou mais segmentos (como PRI e PLAR) foram preferencialmente pronunciadas como acrônimo, independentemente do peso das sílabas geradas, enquanto sequências de dois segmentos (como IR) deram origem preferencialmente a siglas, ainda que a acronomização tivesse o potencial de gerar uma sílaba pesada. A partir desses resultados, Veloso (2017b, p. 160) afirma que, no português europeu contemporâneo (PEC), “são boas candidatas ao estatuto de palavras as cadeias fonéticas com três ou mais segmentos, independentemente do peso silábico e do número de sílabas que correspondam a tais combinações”. Nas palavras do autor, trata-se uma condição de minimalidade “muito própria e específica do PEC” (Veloso, 2017b, p. 158).

A partir deste momento, a discussão terá como foco os questionamentos que podem ser feitos ao argumento em (c), na sua forma mais genérica (não há processos fonológicos que sejam aplicados para que se evite o surgimento de monossílabos tônicos monomoraicos em português). Gonçalves (2004a, 2004b, 2005, 2006, 2016) defende que, no português brasileiro, há a exigência de que as palavras tenham pelo menos duas moras, e tal exigência, segundo o autor, é evidente no processo de hipocorização: “condições de palavra mínima são impostas a esse tipo de formação, [...] bloqueando qualquer formação (a) maior que duas sílabas e (b) que não contenha pelo menos um pé [troqueu moraico]” (Gonçalves, 2016, p. 136).

Segundo Gonçalves (2004a), o padrão de formação de hipocorísticos mais comum no português brasileiro é aquele exemplificado em (5)⁹.

⁷ Observa-se que Veloso (2017b) considerou como pesadas apenas as sílabas terminadas por consoante. Destaca-se que as diferentes abordagens adotadas por Veloso (2017a) e Veloso (2017b) são apontadas pelo autor no primeiro texto.

⁸ Segundo Veloso (2017b, p. 135), as abreviações podem ser entendidas, em termos de processamento, como “verdadeiras entradas do léxico mental de cada falante”, de maneira que a análise da sua realização é capaz de revelar aspectos prosódicos, entre outros, que regulam a formação das palavras em uma língua. Além disso, como mostra Gonçalves (2004b, 2006), na sua análise sobre o português brasileiro, as abreviações (embora o autor não use esta terminologia) podem dar origem a palavras derivadas (como no par “UFO” – “ufologia”), o que comprova seu caráter lexical.

⁹ Os outros padrões podem selecionar a borda direita do antropônimo com reduplicação (Artur > Tutu) ou podem selecionar sua borda esquerda, podendo haver reduplicação (Fátima > Fafá) ou não (Cristina > Cris). Cabe destacar que o padrão em (5) tem equivalência com os padrões em (1), (2) e (3), correspondentes ao catalão.

- (5) Felipe > Lipe Isabel > Bel Alexandre > Xande
Gertrudes > Tude Miguel > Guel Fernando > Nando

Os hipocorísticos em (5) se constituem, conforme a análise de Gonçalves (2004a), a partir da formação de um troqueu moraico, que corresponde a uma palavra mínima, da direita para a esquerda da base (antropônimo a partir do qual se forma o hipocorístico). Se a última sílaba da base terminar por consoante e, conseqüentemente, for pesada (tiver duas moras), o hipocorístico será constituído apenas por ela (como em “Bel” e “Guel”); já se a sílaba final for leve, serão necessárias duas sílabas para satisfazer a bimoraicidade exigida (como em “Lipe” e “Tude”). O hipocorístico “Tude” mostra que, sobre a hipocorização, pode haver também a atuação de condições de boa formação silábica. Neste exemplo específico, um ataque complexo é desfeito e uma coda é eliminada. Quanto a hipocorísticos como “Xande” e “Nando”, Gonçalves (2004a) também admite, como Cabré (1994), que o troqueu é formado pela penúltima sílaba, já que esta é pesada, e que a sílaba final se adjuge diretamente à palavra prosódica.

Os argumentos em (c) - não há processos fonológicos que sejam aplicados para que se evite o surgimento de monossílabos tônicos monomoraicos em português (o que equivale, neste trabalho, a monossílabos tônicos terminados por vogal) - e (d) - não há processos fonológicos que deixem de ser aplicados para que não surjam palavras monomoraicas - será alvo de discussão na próxima seção, em que será apresentado um levantamento de fenômenos variáveis que parecem ser afetados por uma exigência de bimoraicidade mínima em português brasileiro. Os trabalhos mencionados na próxima seção não incluem na sua discussão a possibilidade da atuação da palavra mínima.

4. A palavra mínima em português brasileiro: algumas evidências advindas de fenômenos variáveis

Alguns fenômenos fonológicos variáveis do português brasileiro apresentam um comportamento diferenciado em palavras monossilábicas. Tal comportamento será interpretado, neste trabalho, como uma evidência da atuação da palavra mínima bimoraica em português brasileiro. Destaca-se, novamente, que a análise a seguir entende palavra mínima bimoraica como aquela constituída, no mínimo, por duas sílabas

ou por uma sílaba terminada em consoante, pois não se está considerando a possibilidade de a qualidade vocálica contribuir para o peso silábico pela falta de evidências mais robustas sobre a questão quanto ao português brasileiro.

Em português brasileiro, o -r em coda apresenta um comportamento bastante variável, tanto na fala quanto na escrita. No que diz respeito à fala, Callou e Serra (2012), Serra e Callou (2013) e Callou, Serra e Cunha (2015) afirmam que o apagamento deste segmento é a etapa final de um processo de posteriorização ([r] > [r] > [x] > [h] > Ø). As variantes pelas quais o -r se realiza em português brasileiro têm uma distribuição determinada geograficamente (cf., entre outros, Monaretto, 2000; Callou *et al.*, 2015; Oushiro e Mendes, 2014; Almeida, 2018; Fernandes, 2020).

Para este trabalho, interessa mais especificamente o apagamento do -r em coda, que pode ocorrer tanto na fala (cf. referências apresentadas no parágrafo precedente) quanto na escrita (cf. Ribeiro, 2013; Damulakis e Queiroz, 2016; Branco, 2020; Messias e Lacerda, 2022; Oliveira e Prado, 2023; Paula e Lima Jr. 2023; Freitas e Faria, 2024). Cabe destacar que, em português brasileiro, o apagamento de -r em coda final em infinitivos verbais é praticamente categórico na fala (como em “vou falaØ com você” para “vou falar com você”).

Há evidências de que o apagamento de -r em coda é desfavorecido em palavras monossilábicas. Conforme Monaretto (2000), Callou *et al.* (2015) e Fernandes (2020), que analisaram dados de fala da região sul, nordeste e norte do Brasil, respectivamente, o apagamento tem menor ocorrência em monossílabos (como em “cor”). Na escrita, o desfavorecimento do apagamento em monossílabos também pode ser verificado (cf. Ribeiro, 2013; Damulakis e Queiroz, 2016; Branco, 2020; Oliveira e Prado, 2023)¹⁰. A escrita ainda registra um fenômeno recente que parece estar começando a se expandir em contextos de redes sociais: a inserção de -r em coda, como em “eu percebir tudo” por “eu percebi tudo” (cf. Mendonça, 2021, 2022; Mendonça e Melo, 2023; Godoy,

¹⁰ Cabe destacar que a evidência de desfavorecimento de apagamento em palavras monossilábicas na escrita é mais frágil, uma vez que os trabalhos em que isso foi constatado não se propõem a fazer análises estatísticas inferenciais dos resultados encontrados.

Pereira e Fernandes, 2023)¹¹. Mais uma vez, os monossílabos parecem apresentar um comportamento diferenciado, no sentido de favorecer tal inserção.

Argumentamos, neste trabalho, que o monossílabo desfavorece o apagamento na fala e na escrita, porque, neste contexto, sua ocorrência teria como resultado o apagamento de uma mora, aquela que a coda carrega, e, conseqüentemente, a emergência de uma palavra monomoraica, de forma que evitar tal apagamento tem como efeito manter a realização de uma palavra com duas moras, a do núcleo vocálico e a da coda (“ser” é preferível a “se~~r~~”, por exemplo, tanto na fala quanto na escrita). Isto levanta questionamentos ao argumento em (d). Nesse mesmo sentido, o favorecimento da inserção do -r em coda de palavras monossilábicas permite a emergência de uma palavra bimoraica (como em “eu vir tudo” para “eu vi tudo”), o que nos faz questionar o argumento em (c).

Os trabalhos mencionados até aqui nesta seção não permitem verificar se é possível isolar a atuação do tamanho da palavra em relação à variável tonicidade. A maior parte dos monossílabos encontrados devem ser tônicos (uma vez que são poucas numerosas palavras funcionais terminadas em -r, como a preposição “por”), de maneira que há uma sobreposição entre as variáveis tamanho da palavra e posição da sílaba tônica. Isto pode levar a uma explicação segundo a qual o que, de fato, influencia a variação descrita seja a tonicidade dos monossílabos, já que sílabas tônicas são menos suscetíveis a fenômenos que alteram segmentos. Desta forma, para testar a hipótese levantada aqui, seria necessário haver um levantamento de dados, de produção e/ou de percepção, que permita verificar se há diferença estatística significativa entre o apagamento e/ou a inserção de -r final em palavras monossilábicas comparadas com palavras oxítonas com mais de uma sílaba. Pela hipótese que levantamos neste trabalho, palavras monossilábicas tônicas apresentariam menos apagamento (tanto na fala quanto na escrita) e mais inserção (fenômeno aparentemente exclusivo da escrita) do que palavras oxítonas com mais de uma sílaba. Tal levantamento ainda precisa ser feito.

¹¹ Mendonça (2021, 2022) e Mendonça e Melo (2023) referem-se a este fenômeno como hipercorreção. Godoy *et al.* (2023), por sua vez, rejeitam tal denominação, uma vez que a ocorrência da inserção do -r é verificada em contextos de menor monitoramento.

O trabalho de Eberle (2018) também parece trazer evidências favoráveis à atuação da palavra mínima bimoraica em português brasileiro. Em seu estudo sobre a realização do ditongo [uw], como em “cultura”, foram verificadas as variantes manutenção do ditongo (“c[uw]tura”), redução do ditongo (“c[u]tura”) e alongamento compensatório (“c[u:]tura”). As palavras monossilábicas (como “sul”) foram categóricas na manutenção do ditongo. Para o presente trabalho, interessa comparar este resultado com o dos ditongos em sílaba tônica inicial (como em “culpa”). Neste contexto, a manutenção ocorreu em cerca de 69% dos dados, enquanto o alongamento e a redução tiveram uma ocorrência de cerca de 29% e 2%, respectivamente. Percebe-se, assim, que, no trabalho de Eberle (2018), é possível distinguir a atuação do tamanho da palavra em relação à posição da sílaba tônica, e seus resultados mostram que as palavras monossilábicas aparentam ter um comportamento mais conservador da mora em coda do que sílabas tônicas em início de palavra, que também é um contexto sujeito a fidelidade posicional. Embora o autor não associe tal resultado à exigência da palavra mínima bimoraica em português brasileiro, defendemos que tal associação é possível, uma vez que a redução do ditongo em palavra monossilábica implicaria a perda de uma mora e, conseqüentemente, resultaria em uma palavra monomoraica, o que não ocorre em palavras maiores¹².

Cabe mencionar que, segundo Beckman (1998), monossílabos tônicos estão “protegidos” de alguns processos fonológicos por fidelidade posicional. Esta proteção, contudo, é resultado da combinação entre tonicidade e posição inicial de palavra. Conforme mostram os resultados de Eberle (2018), os monossílabos tônicos são mais protegidos da redução do ditongo do que sílabas tônicas em início de palavras com mais de uma sílaba. Logo, a fidelidade posicional, tomada como um princípio por si só, não dá conta de explicar o que ocorre.

Embora a linha de argumentação nesta seção tenha se orientado pela defesa de uma possível exigência de bimoraicidade mínima em português brasileiro, nos termos

¹² Cabe mencionar que, em princípio, o alongamento em palavras monossilábicas poderia ser a garantia de manter a palavra bimoraica. Esta estratégia, entretanto, não foi identificada neste contexto, o que nos leva a questionar se, em português brasileiro, vogais alongadas por alongamento compensatório funcionam, de fato, como um segmento bimoraico. Esta é uma questão que carece de análise.

explicitados anteriormente, cabe mencionar possibilidades alternativas. Garcia e Goad (2024) sustentam que a palavra mínima em português parece ter o formato da sílaba canônica CV, o que está em conformidade com sua proposta de análise segundo a qual o pé não tem papel na fonologia do português brasileiro. Embora esta palavra mínima CV seja compatível com a existência de palavras como “pé” e “chá” e de hipocorísticos como “Ju” > “Juliana” (interpretados por Gonçalves, 2004a, como uma redução de “Juju”), tal condição de minimalidade não dá conta de explicar o comportamento do -r em coda e a ausência de redução do ditongo [uw] em palavras monossilábicas. Por outro lado, a condição de minimalidade proposta por Veloso (2017b), formalizada como uma sequência de três segmentos, independentemente de estrutura silábica, pode ter papel na compreensão dos processos mencionados nesta seção (se for possível verificar, por exemplo, que o apagamento do -r em coda é favorecido em palavras como “crer” em oposição a “ser”, já que, no segundo caso, o apagamento da coda implicaria a realização de uma sequência com menos de três segmentos, o que não ocorre no primeiro caso), ao mesmo tempo em que é compatível com propostas segundo as quais o pé não tem papel em português brasileiro.

É inegável que a condição de bimoraicidade mínima não tem em português brasileiro o mesmo papel que ela desempenha em línguas como o inglês, por exemplo (cf. Garcia e Goad, 2024). Entretanto, a partir da discussão feita neste trabalho, espera-se ter demonstrado que tal condição pode ter atuação, em algum nível da configuração prosódica do português brasileiro. Para confirmar tal papel, são necessários trabalhos desenhados especificamente para verificar isso, em termos tanto de produção quanto de percepção¹³. Se for confirmado que a bimoraicidade mínima (ou outra forma de minimalidade) atua no português brasileiro, a etapa seguinte é investigar como isso pode

¹³ Dados de aquisição mostram que, na fala, a produção da coda final em /l/ é favorecida em monossílabos (Mezzomo, Baesso, Athayde, Dias e Giacchini, 2008) e, na escrita, a realização da coda final não morfológica em /s/ também é favorecida em monossílabos (Lima, Morais, Lima, Silva e Vogeley, 2014). Esses dados podem ser interpretados como uma possível evidência da atuação de uma bimoraicidade mínima em português brasileiro. É importante, contudo, atentar para o fato de que este contexto acumula características também favorecedoras da realização de segmentos em coda: sílaba tônica e sílaba final. Como estes trabalhos não foram desenhados para investigar a possibilidade de atuação da bimoraicidade mínima, eles não trazem elementos que permitam isolar a atuação destes fatores. Além disso, cabe mencionar que, em dados de aquisição oral do inglês, língua em que a palavra mínima bimoraica não costuma ser questionada, não há evidências da aquisição desta condição entre crianças bem pequenas (Demuth, Culbertson e Alter, 2006).

ser formalizado em termos de organização gramatical, uma vez que, em português brasileiro, esta condição, ao que parece, não tem um comportamento canônico.

5. Considerações finais

O presente trabalho mostrou que existem evidências tanto favoráveis quanto contrárias à exigência de que as palavras tenham um determinado tamanho em português. Mesmo entre os trabalhos que trazem argumentos para a defesa da atuação da palavra mínima em português, não há consenso quanto ao seu formato, de forma que este varia entre uma sílaba CV ou um pé bimoraico, para o português brasileiro, e uma sequência de três segmentos ou mais, para o português europeu.

Isso mostra que, se, de fato, a palavra mínima tem atuação em português, ela não se comporta da mesma forma que em línguas como o inglês, em que seu status é pouco questionado por haver evidências robustas da sua atuação. Diante deste cenário, faz-se necessária a realização de pesquisas que busquem, especificamente, confirmar se palavras monossilábicas apresentam um comportamento diferenciado em relação a palavras maiores e se este comportamento pode ser explicado pela exigência de uma palavra mínima em português brasileiro.

Referências bibliográficas

- Almeida, E. F. (2018). *Os róticos em coda silábica na região centro-oeste do Brasil*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Londrina]. Repositório Institucional da UEL.
<https://repositorio.uel.br/items/13cfe304-0069-4a2c-91be-16b4cb4a544c>
- Beckman, J. N. (1998). Positional faithfulness [Tese de Doutorado, Universidade of Massachusetts Amherst]. Rutgers Optimality Archive.
<https://roa.rutgers.edu/files/234-1297/234-1297-BECKMAN-0-0.PDF>
- Bisol, L. (1992). O acento e o pé métrico binário. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 22, 69-80.
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636897>
- Bisol, L. (1994). O acento e o pé binário. *Letras de Hoje*, 29(4), 25-36.
<https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/15769>
- Bisol, L. (2000). O clítico e seu status prosódico. *Revista de Estudos da Linguagem*, 9(1), 5-30. <https://doi.org/10.17851/2237-2083.9.1.5-30>
- Bisol, L. (2002). O acento, mais uma vez. *Letras & Letras*, 18(2), 103-110.

- <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/25136>
- Bonilha, G. F. G. (2004). A influência da qualidade da vogal na determinação do peso silábico e formação dos pés: o acento primário do português. *Organon*, 18(36), 41-56. <https://doi.org/10.22456/2238-8915.31153>
- Booij, G. (2004). The morphology-phonology interface in European Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, 3, 175-182. <https://doi.org/10.5334/jpl.23>
- Branco, A. A. T. C. (2020). *O apagamento do rótico em coda final em produções escritas no ensino fundamental II*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Uberlândia]. Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia. <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/29928>
- Brandão de Carvalho, J. (1989). Phonological conditions on Portuguese clitic placement: on syntactic evidence for stress and rhythmical patterns. *Linguistics*, 27, 405-436. <https://doi.org/10.1515/ling.1989.27.3.405>
- Brandão de Carvalho, J. (2022). -s e -z em português: segmento idêntico mas estrutura diferente. *Letrônica*, 29(1), 1-11. <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2022.1.42587>
- Cabré, T. (1994). Minimality in the Catalan truncation process. *Catalan Working Papers in Linguistics*, 4(1), 1-21. <https://core.ac.uk/download/pdf/38984138.pdf>
- Callou, D., & Serra C. (2012). Variação do rótico e estrutura prosódica. *Revista do GELNE*, 14(Especial), 41-57. <https://www.periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9363>
- Callou, D., Serra C., & Cunha, C. (2015). Mudança em curso no português brasileiro: o apagamento do r no dialeto nordestino. *Revista da ABRALIN*, 14(1), 195-219. <https://doi.org/10.5380/rabl.v14i1.42491>
- Damulakis, G. N., & Queiroz, V. T. (2016). A retomada da vibrante em coda final em ambientes on-line e off-line: a internet influenciou a escrita dos alunos. *Letras & Letras*, 32(2), 64-82. <https://doi.org/10.14393/ll63-v32n2a2016-4>
- Davis, S. (2011). Quantity. In Goldsmith, J., Riggle, J., & Yu, A. C. L. *The handbook of phonological theory* (pp. 103-140). Blackwell. <https://doi.org/10.1002/9781444343069.ch4>
- Demuth, K., Culbertson, J., & Alter, J. (2006). Word-minimality, epenthesis and coda licensing in the early acquisition of English. *Language and speech*, 49(2), 137-174. <https://doi.org/10.1177/00238309060490020201>
- Downing, L. J. (2005). Morphological complexity and prosodic minimality. *Catalan Journal of Linguistics*, 4, 83-106. <https://doi.org/10.5565/rev/catjl.114>
- Eberle, L. P. (2018). Os efeitos da fidelidade posicional no fenômeno de redução do ditongo [uw] no português brasileiro. *Língua, Literatura e Ensino*, 13, 51-63. <https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/ll/article/view/6416>
- Fernandes, A. L. S. (2020). *A representação do R com coda medial e final na fala dos portuenses*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Tocantins]. Repositório UFT. <https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/4004>

- Freitas, A. C., & Faria, P. C. F. (2024). A relação entre a consciência metalinguística e o apagamento do /R/ final de palavras na escrita de crianças baianas em fase de alfabetização em um contexto de (pós) pandemia. *Estudos Linguísticos e Literários*, 77, 261-289.
<https://doi.org/10.9771/ell.v0i77.56372>
- Garcia, G. D., & Goad, H. (2024). Weight effects and the role of the foot: English versus Portuguese. *Laboratory Phonology: Journal of the Association for Laboratory Phonology*, 15(1), 1-37.
<https://doi.org/10.16995/labphon.6420>
- Godoy, L. A. G., Pereira, P. A., & Fernandes, V. S. (2023). "Ontem eu não sair": o grafema r final em verbos flexionados como marcador de tonicidade. *Missangas*, 7, 125-143.
<https://revistas.uneb.br/index.php/missangas/article/view/16999>
- Gonçalves, C. A. (2004a). A morfologia prosódica e o comportamento transderivacional da hipocorização no português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, 12(1), 7-38. <https://doi.org/10.17851/2237-2083.12.1.7-38>
- Gonçalves, C. A. (2004b). Processos morfológicos não-concatenativos do português brasileiro: formato morfoprosódico e latitude funcional. *Alfa*, 48(1), 9-28.
<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4253>
- Gonçalves, C. A. (2005). Relações de identidade em modelos paralelistas: morfologia e fonologia. *D.E.L.T.A.*, 21(1), 75-119.
<https://doi.org/10.1590/s0102-44502005000100004>
- Gonçalves, C. A. (2006). Usos morfológicos: os processos marginais de formação de palavras em português. *Gragoatá*, 21, 219-241.
https://dirin.s3.amazonaws.com/drive_materias/1649337834.pdf
- Gonçalves, C. A. (2016). Prosódia e morfologia: uma parceria que deu certo. *Journal of Speech Sciences*, 5(2), 125-139.
<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/joss/article/view/15070>
- Gordon, M. (2002). Weight-by-position adjunction and syllable structure. *Lingua*, 112, 901-931. [https://doi.org/10.1016/s0024-3841\(02\)00052-9](https://doi.org/10.1016/s0024-3841(02)00052-9)
- Halle, M., & Marantz, A. (1993). Distributed morphology and the pieces of inflection. In Hale, K., & Keyser, S. J. *View from building 20: essays in honor of Sylvain Bromberger* (pp. 111-176). MIT Press.
- Hayes, B. (1995). *Metrical stress theory*. The University of Chicago Press.
- Hyman, L. M. (2003). *A theory of phonological weight*. CSLI.
- Leben, W. R., & Ahoua, F. (1997). Prododic domains in Baule. *Phonology*, 14, 113-132.
<https://doi.org/10.1017/s0952675797003321>
- Lee, S. H. (1994). A regra do acento do português: outra alternativa. *Letras de Hoje*, 29(4), 37-42.
<https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/15770/10387>
- Lima, I. L. B., Morais, J. F. T., Lima, J. L. C., Silva, E. G., & Vogeley, A. C. E. (2014). Aquisição da coda lexical /s/ na escrita. *Revista do GELNE*, 16(1/2), 79-95.
<https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/11629/8188>
- Mateus, M. H., & d'Andrade, E. (2000). *The phonology of Portuguese*. Oxford.
- McCarthy, J., & Prince, A. (1993). *Prosodic morphology I: constraint interaction and satisfaction*. MIT Press.

- McCarthy, J., & Prince, A. (1995). Prosodic Morphology. In Goldsmith, J, *The handbook of phonological theory* (pp. 318-366). Blackwell.
<https://doi.org/10.1111/b.9780631201267.1996.00011.x>
- Mendonça, C. M. (2021). "O mundo não gira, ele capotar": hipercorreção e variabilidade no uso da coda (r) ao final de verbos. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro]. Pantheon - Repositório Institucional da UFRJ.
- Mendonça, C. M. (2022). Da hipercorreção ao reforço pragmático: considerações sobre a marca de infinitivo. *Cadernos do NEMP*, 7(13), 35-47.
https://www.nemprj.com/7f1076_6827fd2216.pdf
- Mendonça, C. M., & Melo, M. A. S. L. (2023). Hipercorreção da coda final (r) em textos digitais: um fenômeno variável. *Working Papers em Linguística*, 24(1), 54-78.
<https://doi.org/10.5007/1984-8420.2023.e92293>
- Messias, E. S., & Lacerda, M. F. O. (2022). Quando a oralidade chega à escrita: o apagamento do /R/ em infinitivos verbais em textos escolares. *A Cor das Letras*, 23(1), 173-184.
<https://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/5001>
- Mezzomo, C. L., Baesso, J. S., Athayde, M. L., Dias, R. F., & Giacchini, V. (2008). O papel do contexto fonológico no desenvolvimento da fala: implicações para a terapia dos desvios fonológicos evolutivos. *Letras de Hoje*, 43(3), 15-21.
<https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/5604>
- Monaretto, V. N. O. (2000). O apagamento das vibrantes posvocálicas nas capitais do sul do Brasil. *Letras de Hoje*, 35(1), 275-284.
<https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/14768>
- Nespor, M., & Vogel, I. (1986). *Prosodic phonology*. Foris.
- Oliveira, S. E. C., & Prado, N. C. (2023). O apagamento do -R em final de infinitivos verbais em textos escolares do 6º ano do Ensino Fundamental II. *Estudos Linguísticos*, 52(1), 74-93.
<http://dx.doi.org/10.21165/el.v52i1.3498>
- Oushiro, L., & Mendes, R. B. (2014). O apagamento de (-r) em coda nos limites da variação. *Veredas*, 18(2), 251-266.
<https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/24963>
- Paula, A. C., & Lima Jr., R. M. (2023). A interface grafema-fonema no tratamento de desvios ortográficos recorrentes de alunos do 9º ano do ensino fundamental. *Working Papers em Linguística*, 24(1), 12-31.
<http://doi.org/10.5007/1984-8420.2023.e92315>
- Pereira, M. I. P. (1999). *O acento de palavra em português: uma análise métrica* [Tese de Doutorado, Universidade de Coimbra]. Repositório Científico da UC.
<https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/712>
- Piggott, G. (2010). *Cyclic spell-out and the typology of word minimality*. ms. McGill University.
<https://www.mcgill.ca/linguistics/files/linguistics/WordMinimality.pdf>
- Prince, A., & Smolensky, P. (1993). *Optimality theory: constraint interaction in generative grammar*. Wiley-Blackwell.
- Ribeiro, L. N. S. (2013). *O apagamento do -r em posição de coda silábica: há influência da fala na escrita discente?* [Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado da Bahia]. Repositório Institucional da UFBA.

<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/34964/1/F%C3%A1tima%20Christiane%20OC.%20H.%20da%20Silva%20-%20Memorial%20%20Final%20-%20Turma%206%20%20Profletras%20UFBA.pdf>

- Scheer, T. (1998). La structure interne des consonnes. In Sauzet, P. *Langues e Grammaires II & III: phonologie* (pp. 141-172), Université de Paris 8. http://tscheer.free.fr/papers/Scheer98_Structure_cons.pdf
- Selkirk, E. (1996). The prosodic structure of function words. In Morgan, J., & Demuth, K. *Signal to syntax* (pp. 187-213), Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Serra, C., & Callou, D. (2013). A interrelação de fenômenos segmentais e prosódicos: confrontando três comunidades. In *Textos Seleccionados, XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 585-594). APL. https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/09/SERRA_CALLOU_2013.pdf
- Veloso, J. (2017a). Monossílabos CV do português: leves e degenerados? Sonoridade vocálica e iteração de elementos na atribuição de peso e na preservação da minimalidade em português. *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, 12, 201-226.
- Veloso, J. (2017b). Palavra mínima em português europeu: a oralização de abreviações. *Alfa*, 60(1), 133-168. <https://doi.org/10.1590/1981-5794-1704-6>
- Vigário, M. (2003). *The prosodic word in European Portuguese*. Mouton de Gruyter.
- Vigário, M., & Martínez-Paricio, V. (2024). Is the foot a prosodic domain in European Portuguese? *Languages* 9, 1-35. <https://doi.org/10.3390/languages9110332>
- Vigário, M., Martins, F., & Frota, S. (2004). *Frequências no português europeu: a ferramenta FreP*. Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa. <https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/12/2004-70.pdf>
- Wetzels, W. L. (2007). Primary word stress in Brazilian Portuguese and the weight parameter. *Journal of Portuguese Linguistics*, 5/6, 9-58. <https://doi.org/10.5334/jpl.144>